

## **A criação do *Museu das Crianças* de Santa Catarina: uma experiência em andamento**

Vera Lúcia Chacon Valença \*

### **Resumo:**

Este artigo tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, o histórico, a evolução, o projeto e a fase atual do Museu da Criança de Santa Catarina. O projeto do museu foi inspirado no Children's Museum of Manhattan, no Brooklyn Children's Museum, na Cité des Enfants de Paris, no Museu da Criança de Lisboa e nas atividades pedagógicas desenvolvidas com crianças nos museus do Louvre, George Pompidou e D'Orsay de Paris. Conhecedora da diversidade cultural das crianças catarinenses, por meio de pesquisa realizada desde 1999, envolvendo crianças de várias etnias, em vários municípios do estado, a pesquisadora busca a inclusão dos "diferentes" em atividades do espaço cultural a ser fundado, na perspectiva apontada por Nestor Canclini - a da hibridização cultural. Idealizado para atender crianças de três a 14 anos, o museu terá caráter interativo e, por missão, enfatizar a participação das crianças nas culturas dos seus antepassados, abrindo as portas para as demais e conjugando-as com as expressões culturais da atualidade. Propõe-se a criação da Rede do Imaginário Infantil, a ser estabelecida entre crianças dos municípios, estados e países; o estímulo da criatividade e da produção cultural, estética inclusive, mediante recursos tradicionais e das novas tecnologias. Estudam-se parcerias com o Sapiens Parque<sup>1</sup>, que tem como foco o desenvolvimento do Ser Humano, e com a prefeitura de Pomerode, onde se prevê a instalação do protótipo do Museu da Criança de Santa Catarina.

### **Palavras-chave:**

Museus das Crianças. Imaginário. Cultura.

---

\* Doutora em Psicologia Aplicada – Paris V – René Descartes – Sorbonne. Professora do Mestrado em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

## Histórico e estudos preliminares

O educador polonês Korczak (1981, p. 54) afirma que a criança “tem um outro relógio, outra medida de tempo, segue um calendário diferente”, visão semelhante a de Lauwe (1971) que tantas vezes se dedicou à infância pesquisando, inclusive, o uso do espaço pela criança, em *L'enfant en jeu*. Há grande interesse pelo estudo do mundo infantil imaginário ou físico e muito tem sido feito neste sentido, porém, nem sempre de acesso a todos. Entre nós, há ainda bastante a se construir e realizar e eu gostaria de contribuir para que fossem oferecidos às crianças espaços culturais polivalentes pensados especificamente para elas, a exemplo de tantos outros já existentes em várias partes do mundo<sup>2</sup>.

Ajudar a criança a ser feliz tem sido o meu objetivo profissional: na clínica infantil, nas escolas e, agora, nas cidades. No Brasil, minhas pesquisas envolvendo essa camada da população iniciaram-se na década de 1970 e refletem minha experiência em clínica, particular ou ambulatorial, na equipe de Psiquiatria Infantil do, na época, Hospital Pedro II, vinculado à Universidade Federal de Pernambuco, serviço então coordenado pelo Dr. Zaldo Rocha. Em Paris, onde permaneci por cinco anos, realizei estágio no Instituto Alfred Binet, em clínica infantil, e cursei o doutorado na Université René Descartes, defendendo a tese *Apprentissage de la lecture et maturation du Moi* (VALENÇA, 1980). Tomei conhecimento dos trabalhos do meu orientador, Roger Perron, realizados numa abordagem psicossociológica, pela leitura do livro *Modèles d'enfants, enfants modèles* (PERRON, 1971) trabalhos que passaram, sobremaneira, a me interessar. Posteriormente, realizei estágio de pós-doutorado em Roma, na equipe de Psicologia do Desenvolvimento, coordenada pela Dra. Laura Begnini, especialista na primeira infância, no Centro Nacional de Roma.

Em Paris, Roma, Quebec, Nova York, Lisboa, no Recife, em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e em outras cidades, do exterior ou do Brasil, foram surgindo novos olhares sobre as crianças, eu pesquisava o que faziam, como preenchiam o seu tempo, de quais espaços participavam, quais as atividades que lhes eram propostas, como se comportavam quando iam aos museus, quem as levava, por quais obras se interessavam espontaneamente. Muitas delas eram vistas sentadas no chão, escrevendo relatórios sobre o que viam, realizando, às vezes, leitura das obras expostas nos museus, como o Louvre, por exemplo.

Na Cité des Enfants pude verificar que as crianças se dividiam em tarefas com blocos de plástico para construção de “casas” ou fortalezas, num “canteiro de obras” a elas destinado, um verdadeiro trabalho cooperativo, sem quase falarem entre si, cada criança chegava e “se atribuía” uma função, sem qualquer intervenção dos adultos: uma carregava os blocos num carrinho de mão, girando sobre trilhos, outra os retirava dali e os entregava ao colega que, por sua vez, os levava para uma outra criança. Esta subia uma escada e repassava o material para aquela que estivesse mais acima, no topo, para que ela colocasse o novo material sobre os demais. Cabia também à de cima devolver, por uma espécie de “tobogã”, os blocos excedentes.

Tudo acontecia em perfeita harmonia e cooperação. Nos espaços ocupados pelas crianças menores, de três a cinco anos, algumas atividades eram realizadas pelas crianças acompanhadas de monitores, outras não: elas experimentavam a sós o ambiente. Subiam, iam e voltavam sobre uma ponte musical, a cada movimento, um som e, a cada som, a repetição dos movimentos. Outras, em grupos de três crianças, eram atendidas por uma monitora que lhes explicava o que é energia, o que pode dar choque, onde é perigoso tocar. O material sofisticado, tecnologia de última geração, permitia às crianças maiores acionar um botão e receberem, por exemplo, todas as informações sobre os resultados das Copas do Mundo de Futebol, com informações sobre as equipes e jogadores.

As atividades só às vezes exigiam a presença de um monitor. Tudo era colocado à disposição das crianças para que elas pudessem explorar à vontade todos os objetos e realizar suas experiências no seu ritmo e de acordo com seus interesses. Para as que apresentavam dificuldades, eram oferecidas exposições poli-sensoriais, auditivas, gestuais e táteis (para os deficientes visuais); exposições atrativas, ricas em elementos visuais, visitas, conferências e videoconferências em língua dos signos, adaptações técnicas (para os que ouvem mal); apresentações simples e atrativas: interativas, maquetes, audiovisual, objetos jogos (para os deficientes mentais) e para os deficientes motores um acesso arquitetural e ergonômico permitia sua circulação numa área de cerca de 30.000 metros quadrados. Um espetáculo de respeito aos direitos de todos.

Muito viria pela frente. As visitas continuaram e, com elas, as observações. No Museu Marmottan, também em Paris, há uma bela

exposição de Monet e seus amigos impressionistas. Logo na entrada, as crianças podem acessar o vídeo e ver o filme *Linnea dans le jardin de Monet* (1994) e quando vão fazer a visita às exposições já poderão ter aprendido algumas coisas com Linnéa, personagem infantil que visita os Jardins de Giverny e que aprendeu a “interpretar” as obras de Monet. No Centre George Pompidou, por diversas vezes, foi possível testemunhar crianças “deslizando” nos labirintos do *Jardin d’Hiver* de Jean Dubuffet. Absolutamente embevecidas com a vivência proporcionada naquele espaço branco de paredes irregulares, com os traçados labirínticos negros. Elas “entram” na obra do pintor e ali se divertiam com estimulações sensoriais.

No Museu da Vida, da Fundação Carlos Chagas, no Rio de Janeiro, existe uma reprodução enorme da célula humana, ali também as crianças sobem e descem o tempo todo, transformando a célula gigante num tobogã. Neste museu pude observar, entre outras várias, experiências com o uso de novas tecnologias sobre a visão. Em Quebec, a oportunidade foi a de participar de uma imensa exposição sobre a Amazônia. Instalações maravilhosas sobre a selva, com seus ruídos de pássaros e das fontes naturais, com vídeos sobre os índios, sobre suas produções etc. Coisa jamais vista por nós adultos e crianças aqui no Brasil. Com certeza, aquelas crianças estavam tendo mais acesso à Amazônia que as nossas. E estavam encantadas. Da mesma forma, pareciam se sentir algumas crianças dos Estados Unidos, que vi em programa da Rede Globo de Televisão, face à exposição de brinquedos indígenas que lhes foi apresentada por um casal de pesquisadores (ela brasileira, ele americano) que investigava a vida da criança indígena, também na Amazônia. A ênfase era dada aos brinquedos fabricados pelos indiozinhos como piões, bonecas etc.

Em Porto Alegre conheci o belíssimo exemplo do professor Jeter Jorge Bertolotti que criou e dirige o Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o maior da América do Sul, no gênero. Construído numa área de 12.500 metros quadrados, o museu tem cerca de 600 experimentos e atende 1.000 crianças por dia, durante a semana, frequência reduzida para 400 por dia, nos finais de semana, o que comprova a sua importância e também que é, sobretudo, com a escola que a criança vai aos museus e não com a família. Observadas em visita ao Museu, percebi que as crianças demonstravam interesses pelos diferentes objetos expostos e experimentados, porém, faziam fila e

disputavam mesmo era um lugar para participar do Bingo da Diversidade e da experiência proporcionada pelo giroscópio humano; já as pequeninas se concentravam, sobretudo, na travessia da ponte sonora e se escondiam nas cabanas. A extraordinária montagem e conservação estão absolutamente irretocáveis.

Em Florianópolis, a Dra. Telma Piacentini fundou, em 1999, o Museu do Brinquedo no Museu da Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisadora cedeu sua coleção de bonecas e brinquedos iniciando, assim, o acervo do mesmo. Referindo-se a sua iniciativa, ela afirma que

[...] além do registro da memória cultural de um povo e da preservação de suas condições de vida por meio da guarda adequada dos objetos da infância, a presença de um museu com tais características proporciona, às gerações atuais e às futuras, a possibilidade de estudos de identificação do universo pessoal e social da existência humana. (PIACENTINI; FANTIN, 2005, p. 57).

Na Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, existe uma feira de brinquedos onde os artesãos ensinam às crianças a fabricar seus próprios jogos e brinquedos. Em viagem feita aos EEUU em 1999 na companhia de Arlete Wedekin, ela comentou sobre os trabalhos desenvolvidos no Children's Museum of Manhattan, onde estivera acompanhando sua neta a um programa infantil. Logo surgiu o desejo de conhecer o primeiro museu especialmente construído para as crianças em 1899, o Brooklyn Children's Museum. Em 2001 foi possível retornar a Nova York, na mesma companhia, quando juntas, guiadas por uma funcionária do museu, realizamos, finalmente, a tão desejada visita. Formou-se, assim, a dupla idealizadora do projeto de um museu para Florianópolis. A artista plástica referida participou também da primeira etapa da construção do Museu que consistiu na pesquisa, tendo, além de auxiliado na aplicação dos questionários, tabulado todos os seus resultados. Com a evolução dos trabalhos, houve algumas modificações: foi sendo introduzida a idéia da Rede do Imaginário Infantil e, com ela, a expansão para o Estado todo de várias células museológicas. Depois, parecia absolutamente fundamental incorporar (em decorrência mesmo do desejo de estabelecer a referida Rede) as novas tecnologias. Coube a mim elaborar a concepção teórica do projeto.

Em 2003, em viagem à Europa, realizei visita acompanhando atividades no Museu da Criança de Lisboa. Lá, como no Children's Brooklyn Museum, existe uma preocupação em viabilizar a expressão dos medos infantis e a busca de soluções simbólicas para eles.

### **Tecendo idéias sobre o *Museu das Crianças de Santa Catarina***

Havia muitas idéias, muito entusiasmo e, sem dúvida, muito trabalho a ser realizado. Apenas uma certeza - o Museu da Criança de Santa Catarina deveria ser criado. Uma questão básica - qual deveria ser a sua missão? Pelas características da população do Estado não havia dúvida - teria que explorar a diversidade cultural. As questões preocupantes do nosso dia-a-dia deveriam ser enfatizadas - um tempo para discutir a violência de qualquer ordem, dos preconceitos à intolerância, além de informações sobre os efeitos destruidores decorrentes do uso de drogas.

Seria possível minimizar alguns dos conflitos entre as crianças, ajudando-as a trabalhar de forma cooperativa. Explorar as várias linguagens, estimular a criação por meio das diferentes formas de representação simbólica, ocupar seu tempo ocioso com atividades prazerosas. Mas seria preciso contar com o apoio da comunidade, das autoridades, dos empresários etc. Como tornar atrativo o museu para os empresários? Que retorno financeiro eles teriam? O que é possível negociar? O que seria interessante selecionar e adaptar para uso das nossas crianças entre tantas experiências e atividades pedagógicas conhecidas? Como garantir o acesso às crianças pobres, às que moram em áreas mais isoladas, inclusive às de descendência indígena? E as portadoras de necessidades especiais, como seriam incluídas? Outra certeza: trabalharíamos com a pedagogia dos sentidos, exploraríamos as diversas formas de representação simbólica das crianças.

Do Museu de Manhattan foram selecionadas as idéias vinculadas aos trabalhos de multimídia. Da Cité des Enfants, uma série de pistas iam sendo agregadas, particularmente no que diz respeito às atividades com a primeira infância. Do primeiro museu da criança no mundo, o do Brooklyn, algumas atividades e a referência do tipo de exposição ali realizada sobre os índios americanos. Uma certeza: o museu da Criança de Santa Catarina teria que ser fundado. Resolvi, então, em 2002, realizar um estágio em

Paris, no Atelier Les Pinceux, especializado em arte-terapia. De volta ao Brasil, pude realizar uma pesquisa documental sobre os museus e as atividades pedagógicas oferecidas às crianças no mundo. Em consequência, pude tecer algumas considerações sobre o tema e agrupar alguns dos espaços culturais criados para as crianças de acordo com seus objetivos.

Os Museus para Crianças ou ainda as atividades pedagógicas desenvolvidas em museus comuns dirigidos às crianças buscam:

- auxiliar a criança na sua adaptação ao mundo:
  - explorando os processos de identificação por meio dos jogos de papéis (o do Brooklyn, o de Abasto – Buenos Aires, o de Roma);
  - buscando conhecer os seres vivos de outras espécies (o de Microbiologia, do Butantã, o Staten Island – EEUU);
  - aprendendo a se adaptar à vida das cidades e a conviver com os outros; ser solidário (o de Roma, o de Abasto – Buenos Aires, o de Santiago);
- ampliar a vida cultural da criança no mundo:
  - introduzindo-a no mundo das artes (atividades pedagógicas do George Pompidou, Louvre, D’Orsay, MAM – SP);
  - explorando as novas tecnologias como recurso de criação (o de Manhattan);
  - estimulando a leitura virtual (Indianópolis);
  - explorando as ciências e a tecnologia (o Cité des Enfants, o Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, o de Caracas, o de Israel, o da Espanha);
  - ensinando história das artes (o de Santiago);
  - estimulando a capacidade criadora (o de Moscou);
  - transmitindo a história dos imigrantes (o Staten Island) e a história das civilizações (Canadense);
- descobrir os próprios talentos, as necessidades, os medos, as emoções (o de Bruxelas, o de Lisboa, o do Brooklyn, o de Genebra – o museu do Dr. Korczak);
- minimizar os conflitos entre grupos étnicos (o de Benin, Nigéria) e liberar a população dos efeitos dos colonizadores, dos valores dos brancos (o de Zimbábwe);

- estimular a formação integral da criança através de experiências divertidas e educativas (o de Bruxelas) e
- auxiliar, ampliar os trabalhos escolares (o da Guatemala).

Como pode ser observado, existem pontos de intersecção entre os projetos: a maioria ressalta naturalmente as características infantis, mas não o fazem da mesma maneira ou não se utilizam das mesmas metodologias, não têm exatamente a mesma filosofia ou estabelecem as mesmas missões para os Museus. Raros são, porém, os casos em que são realizadas pesquisas anteriormente à criação dos espaços culturais, que seria uma peculiaridade, inclusive, do meu trabalho, o que lhe confere legitimidade. Os museus, às vezes, apesar de darem ênfase a uma missão, a ela associam outros objetivos, a partir dos quais definem suas metodologias e selecionam as atividades a serem desenvolvidas.

Seria muito importante criar um acervo do patrimônio cultural imaterial no Estado de Santa Catarina. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2003, p. 3, tradução nossa),

[...] entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

A criação da Rede do Imaginário Infantil decorreria, em parte, dos elementos da pesquisa, que também passariam a sugerir pistas para as atividades pedagógicas. A referida Rede utilizaria as novas tecnologias permitindo a interatividade à distância, possibilitando às crianças o acesso a essa nova forma de “alfabetização cultural”. No Brasil, como em toda a América Latina, devem ser considerados os efeitos da hibridização conforme lembra Canclini (1998) e, por isso mesmo, não se pode fazer referência a uma cultura unívoca e a uma arte pura. Falar-se de educação intercultural é possível, no sentido amplo, considerando a existência do entrelaçamento de vários segmentos culturais, trazidos por diversos imigrantes aqui chegados, que se misturam entre si e com os nativos. Santa Catarina é exemplar quanto a isso, como já ficou explicitado. Encontram-



se numa mesma sala de aula crianças de descendência polonesa, ucraniana, italiana, paraguaia, russa, indígena, alemã etc. Parecia fundamental rastrear alguns desses elementos comuns e específicos através das crianças e de seus pais, para levá-los em consideração na criação do Museu. Foi o motivo que levou à pesquisa (descrita a seguir) que consistiu na primeira etapa da criação do referido Museu.

A “largada” havia sido dada com o primeiro passo: caracterizar as crianças catarinenses de diversas etnias/descendências com relação aos valores culturais/estéticos predominantes. O projeto foi elaborado em 1999 e a pesquisa de campo iniciada em 2000. A Fundação de Ciência e Tecnologia (FUNCITEC), hoje Fundação de Apoio à Pesquisa de Santa Catarina (FAPESC), passou a financiar o projeto a partir de 2004. Em 2002, no IX Seminário Luso-Afro-Brasileiro, no Rio de Janeiro, foi apresentado o resultado da pesquisa piloto, realizada na Costa da Lagoa. Foi publicada uma entrevista comigo, realizada pelo jornalista Celso Martins, de Florianópolis, no Jornal *A Notícia* (24/10/2004). Em abril de 2005, parte dos resultados da investigação com as crianças de descendência austríaca e italiana foi apresentada no I Congresso da União Latino-Americana de Psicologia (ULAPSI), realizado em São Paulo.

Foram iniciadas em 2004 as parcerias com o Sapiens Parque, o que pode vir a intermediar as conversas com agências financiadoras e empresários. Há, sem dúvidas, afinidades e sinergias entre os dois projetos. Da mesma maneira ficou decidido que o Protótipo do Museu da Criança será fundado em Pomerode.

### **Esculpindo o Museu das Crianças de Santa Catarina**

Foi sendo delineado o perfil do Museu da Criança de Santa Catarina: ele teria que ter “a cara” do Estado, que é fundamentalmente plural com relação à formação de sua gente. Nele moram três povos indígenas - os *Kaingang*, os *Xokleng* e os *Guaranis*. Santa Catarina recebeu muitos imigrantes: afro-descendentes, asiáticos, euro-descendentes, como: açorianos, portugueses, alemães, italianos, ucranianos, poloneses, austríacos, tchecos, letos, húngaros, holandeses, bucovinos, franceses, belgas, entre outros, e não é difícil mapear os lugares onde existe a predominância de determinada descendência. Fazia-se necessário estabelecer um perfil das crianças residentes

nos diferentes municípios e procurar ouvi-las, realizando as adaptações para tornar o Museu mais próximo de sua realidade. A partir daí estabelecer um intercâmbio entre elas, uma comunicação sobre suas tradições e produções culturais. Inauguraríamos, assim, a Rede do Imaginário Infantil entre alunos dos diversos municípios. Isso parecia uma boa idéia, porque teríamos mais subsídios para uma ação educacional de caráter intercultural, aqui considerada no seu sentido mais amplo, de respeito à diversidade e à diferença.

Quem eram as crianças para quem se criaria o Museu? A resposta foi dada, em parte, pela pesquisa de campo cujo projeto foi elaborado em 1999 e sua etapa piloto realizada em 2000, na Costa de Lagoa, Florianópolis. A pesquisa teve como objetivo traçar um perfil da criança catarinense de diferentes etnias/descendências com relação aos valores culturais/estéticos predominantes. Buscou-se:

- detectar um imaginário tradicional e seu coadjuvante eletrônico, mediado pela cultura, em geral, e pela televisão, em especial;
- definir um padrão físico de beleza, decorrente da investigação do que se denominou de “corpo estético”;
- identificar a vivência cultural das crianças - leituras, brincadeiras, participação em exposições, festas, freqüência a cinemas, museus, teatros, shows, feiras científicas, de artesanatos e livros etc.;
- detectar as preferências dos programas da televisão e as críticas que fazem à TV;
- investigar o conceito de arte das crianças, mediante listas por elas realizadas contendo aquilo que têm em sua casa que consideram como sendo obras de arte;
- estabelecer uma hierarquia de valores pessoais/sociais com relação às características ideais do menino e da menina;
- detectar as formas de expressão artísticas de suas preferências;
- identificar o uso que fazem do seu tempo livre;
- investigar as festas e comemorações familiares e os modos como

são festejadas, além das boas lembranças que as crianças guardam das festas;

- resgatar as brincadeiras, lendas, provérbios, danças, mitos aprendidos com seus antepassados;
- identificar a origem/descendência da criança e
- investigar a religião da família e a participação ou não da criança nas práticas religiosas etc.

Esses tópicos foram distribuídos em três questionários, de estrutura mista, perfazendo um total de 41 perguntas. O primeiro foi respondido pelas crianças com a colaboração dos seus pais, em sua residência (sobre as Tradições Culturais), e os dois outros - Vivências Atuais das Crianças e Padrão Físico de Beleza – foram feitos em salas de aula.

Foram envolvidas até o momento 1.200 crianças de oito a 12 anos, das terceiras e quartas séries dos municípios de Florianópolis (Costa da Lagoa; Ribeirão da Ilha; Santo Antonio de Lisboa e Jurerê - descendência açoriana); de Pomerode (descendência alemã e italiana); Nova Veneza (descendência italiana); Treze Tílias (descendência austríaca, alemã, italiana); José Boiteux (descendência italiana e indígena); Criciúma (afro-descendentes); Rio do Campo (caboclas); Mafra e Itaiópolis (descendências ucraniana, polonesa e russa); São Joaquim (descendências portuguesa e nipônica).

Em Florianópolis foram, também, investigadas crianças de descendência nipônica e contatadas as comunidades árabe e grega. Infelizmente não recebemos ainda autorização para trabalhar com as crianças daquela descendência, no primeiro caso, e quanto às gregas, há dificuldade de encontrar crianças na faixa etária de oito a 12 anos. Em Lages e Criciúma existem mesquitas e, talvez, isso facilite o acesso às crianças. Pretende-se, ademais, incluir as descendentes húngaras (Jaraguá do Sul), holandesas (Tijuquinhas), belgas e francesas (Joinville).

Os resultados da pesquisa estão sendo divulgados em Congressos ou similares e começam a ser publicados em revistas especializadas. Também é necessário adaptar a metodologia para incluir na pesquisa dados sobre crianças portadoras de dificuldades especiais. Concomitantemente à realização da pesquisa, considerada a primeira etapa da criação do museu,

foi iniciada a pormenorização do espaço físico dos museus e definida, de modo mais preciso, sua missão.

### **A Missão do Museu das Crianças de Santa Catarina**

No contexto dos trabalhos e investigações realizados, o Museu da Criança de Santa Catarina foi concebido como espaço cultural interativo, destinado às crianças de três a quatorze anos, de diversas etnias/descendências e diferentes classes sociais, garantindo-lhes o direito de tocar, experimentar, conhecer, criar, inovar, se comunicar, fazendo uso de recursos tradicionais e de novas tecnologias.

Sua missão enfoca a cultura da criança catarinense, sua diversidade, sua hibridização e sua universalidade. Educação e cultura são entendidas como ação educativa e ação cultural, respectivamente. Algumas ações e atividades serão realizadas para:

- permitir o acesso das crianças e adolescentes às riquezas culturais dos seus antepassados, buscando, ao mesmo tempo, abrir as portas para o conhecimento de outras culturas;
- trabalhar as várias formas de representação simbólica das crianças em ateliês de pintura, música, dança teatro etc.;
- introduzir as crianças no mundo virtual, procedendo a novas modalidades de produção cultural: animação de desenhos e criação de uma poética tecnológica;
- estimular as atividades nos ambientes multimídia, na produção de reportagens, filmes etc.;
- criar uma Rede do Imaginário Infantil, viabilizando um intercâmbio entre crianças de vários municípios, estados e países;
- divulgar as produções culturais infantis, realizadas nos ateliês do museu, por meio de exposições locais e pela Rede do Imaginário;
- trabalhar com a interpretação de obras e produções artísticas, clássicas ou artesanais, locais ou internacionais;
- defender uma política inclusiva estabelecendo possibilidades de trabalhos cooperativos entre as crianças diferentes;

- estimular a participação dos adultos da comunidade, familiares ou não, inclusive os da terceira idade, nas atividades do Museu;
- estabelecer um intercâmbio escola-museu pelos novos meios de comunicação, estimulando formas de cooperação, minimizando o fosso entre as duas instituições;
- explorar a oralidade como forma básica de sociabilidade e comunicação, particularmente nas comunidades mais isoladas;
- propiciar estágios e pesquisas científicas para alunos de vários níveis de escolaridade e de vários cursos e seus professores;
- fundar uma biblioteca dinâmica com acervo da literatura especializada para a faixa etária, com camarim, máscaras feitas pelas crianças, estórias universais, lendas locais, arena para representação de papéis e encenação de peças infantis; acervo de músicas, estórias, lendas, DVDs com documentários sobre os países, comunidades, modos de vida nas diversas culturas;
- possibilitar espaços para festas: Natal, Páscoa, Ano Novo, Aniversários, carnaval etc., com a participação dos familiares;
- estimular o conhecimento de escritores, artistas das mais diferentes áreas e organizar lançamentos de livros infantis, palestra sobre temas de interesse dos menores e
- realizar experiências que viabilizem as soluções simbólicas dos conflitos infantis, minimizando seus medos e ansiedades.

Naturalmente esse elenco de itens não será prontamente posto à disposição de uma só vez. Serão realizados os trabalhos por faixa etária: inicialmente atendendo crianças de três a oito anos, ficando as demais para uma segunda etapa, particularmente as que dependem de mais sofisticação tecnológica.

No momento atual, o estágio em que se encontra o projeto permite dizer que estão sendo realizados estudos para a implantação da primeira célula museológica no município de Pomerode, pela Prefeitura e Fundação Cultural Pomerana, e estreitados os relacionamentos com o Sapiens Parque, que irá nos auxiliar com relação a questões de gestão do Museu. A preocupação é a de não deteriorar os princípios norteadores do espaço

cultural e torná-lo, ao mesmo tempo, atraente para os financiadores, sem o quê sua fundação material será inviabilizada.

### **Algumas palavras sobre educação no Museu**

Fala-se cada vez mais, no país, de museus escolares, educacionais, de atividades educacionais desenvolvidas nos museus, de suas relações com a escola. As questões envolvem não só problemas de ordem acadêmica mas, sobretudo, político-econômica, respingando na luta pela sobrevivência de muitos profissionais e na qualidade dos serviços oferecidos às crianças. Por mais utópico que possa parecer, há vários testemunhos da possibilidade de execução de projetos de Museus mais ou menos qualificados, mais ou menos especializados.

O projeto do museu que elaboramos, o Museu das Crianças do Brasil, iniciado em Santa Catarina, faz parte da Associação Internacional que agrega esse tipo de museu criado especialmente para as crianças no mundo. Os direitos autorais foram protegidos e os trabalhos já se expandiram para Pernambuco (Olinda e Semi-Árido). O Museu das Crianças do Brasil tem duas vertentes: se interessa tanto pelas produções dos adultos sobre a cultura da infância (teses, músicas, pinturas, livros) quanto pelas produções culturais das próprias crianças. A cultura da infância tem uma história produzida diretamente sobre e para ela pelos adultos e também por elas próprias, como se sabe. É tempo de se insistir na participação das crianças na sua vida e na da comunidade onde mora. Elas surpreenderão.

A Rede do Imaginário Infantil, virtual, aberta à comunidade é uma das alternativas que criamos e que consiste num sistema de informação dinâmico, interativo. Ela tanto armazenará dados para alimentar o museu, quanto viabilizará o intercâmbio entre crianças de diferentes espaços culturais nacionais e internacionais. A defesa da cultura da infância (produzida pelos adultos ou pelas crianças) é assim disponibilizada à comunidade. A parceria entre as crianças e os idosos da comunidade, seus “avós”, está prevista em atividades a serem desenvolvidas por eles que há muito têm servido de parâmetros para muitos trabalhos em cidades italianas como, por exemplo, em Fano e Pistóia. Trabalhamos com uma nova e dinâmica concepção de Museus, interativos, onde as crianças são o mais importante: são os “acervos vivos”.

Faria (2000) lembra que, no século XIX, os museus eram considerados como instituições educacionais, englobando na sua criação: bibliotecas,

jardins zoológicos e botânicos e outras formas não institucionais de educação adulta. O museu desenvolveu papel importante na educação cívica, no pós-guerra, assumindo, ainda, função filantrópica, a arte era utilizada para humanizar e civilizar grupos de desempregados e indigentes. Sua trajetória incluiu também o reconhecimento da pedagogia e da psicologia com relação a uma nova concepção da infância como estágio de vida privilegiado de formação da personalidade e aprendizagem.

Posteriormente, o sentido educacional/filantrópico do museu entra em declínio. As coleções sobrepujam as ações pedagógicas e o museu passa a ser o conservador das coleções, valorizando-se, sobremaneira, o profissional conservador e minimizando o educador. A educação fica restrita às atividades desenvolvidas na escola. Na década de 1970, houve preocupação em alargar os conhecimentos das crianças e vincular o ensino às formas de lazer.

Os serviços educativos nos museus, ainda de acordo com Faria (2000), representam uma dicotomia entre o papel dos educadores e comunicadores, na função global dos museus. Studart (2003) afirma que a ação educativa do museu deve estar comprometida com a transformação da sociedade e que deve ser entendida como uma função ampla e não se restringir aos aspectos do ensino-aprendizagem, referindo-se às três faces da pedagogia a serem desenvolvidas no museu:

- educação patrimonial (educação baseada no patrimônio cultural, especialidade museológica);
- ação educativa (ações e atividades desenvolvidas no museu) e
- função educativa que corresponde à missão da instituição museu.

A título de ilustração, podem ser dados exemplos com relação à ação educativa em alguns Museus da Criança. Em Montreal, por ação educativa entendem-se aquelas atividades que estimulam a curiosidade e os interesses das crianças; em Buenos Aires, o Museu de Abasto considera a combinação da aprendizagem e entretenimento, traduzidos em atividades que estimulem a curiosidade, permitindo-se experiências em tarefas realizadas na vida real pelos adultos, às quais as crianças não têm acesso, no seu cotidiano: educar é ensinar a viver numa metrópole. Isto é, por sinal, o que o Museu de Roma também propõe, realizando a réplica de uma cidade onde as crianças vão aos bancos, realizam feiras nos supermercados.

Apoiada na imaginação, no jogo e na experimentação sensorial, em Israel, a ação educativa ressalta a cultura judia e abre espaço para as outras culturas. Na Cité des Enfants, a educação é centralizada no domínio da cultura e da diversão, do lazer. Em Indianópolis a ação educativa se concentra no desenvolvimento de jogos e atividades que desenvolvam a visão e a capacidade de observação. O Museu de Luzerna explora projetos educativos: os diferentes aspectos da vida artística e museológica; no de Bruxelas, a ação educativa parte dos jogos para viabilizar o conhecimento de si mesmo e dos outros, explorando, sobretudo, a convivência tolerante na sociedade. O Museu da Guatemala enfoca experiências comprometidas com os programas de educação básica.

É necessário ter-se em mente que os projetos educativos devem ser abertos, já que o público é diverso: partir das especificidades e diferenças não deve significar permanecer por exclusividade nelas.

Se a escola é para Canclini (1998, p. 164) “um palco fundamental para a teatralização do patrimônio, ela transmite, de modo sistemático, o saber sobre os bens, o acervo natural e histórico”, o museu já não é apenas “a sede cerimonial do patrimônio, o lugar em que é guardado e celebrado, onde se reproduz o regime semiótico com que os grupos hegemônicos o organizaram.” (CANCLINI, 1998, p. 169). O autor se refere à mudança do papel dos museus depois dos anos de 1960 que trouxe como consequência o aumento de visitação a esses espaços revitalizados.

Snyders (1994) sempre insistiu na especificidade da ação educativa da escola, afirmando que ela “pode ensinar música” às crianças, que pode ser prazerosa, trabalhando com conteúdos, conceitos, ensino sistematizado daquilo que a ela cabe fazer. Um trabalho cooperativo deve ser acionado entre escola e museu, o público alvo é o mesmo e cada um dos espaços trabalha no mesmo sentido: o do desenvolvimento saudável da criança, guardando suas especificidades, inclusive quanto aos aspectos metodológicos utilizados.

Enquanto o espaço físico permanece pendente, considero que o Museu da Criança de Santa Catarina já existe desde 1999, a partir de sua idealização e da consecução do projeto de pesquisa. O Museu da Criança já existe. Há anos que, como Manoel de Barros, estamos montando “os alicerces de uma casa sobre orvalhos”.



## Nota

- <sup>1</sup> Sapiens Parque (2003) Projeto elaborado para o Estado de Santa Catarina por uma equipe vinculada ao Ministério de Cultura, Governo do Estado, Fundação de Apoio a Pesquisa de Santa Catarina (FAPESC), entre outros. É “um empreendimento que tem como foco o desenvolvimento humano, utilizando como base a capacidade transformadora do conhecimento humano”.

## Referências

- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. 2. ed. São Paulo: USP, 1998.
- FARIA, Margarida Lima de. *Museus e educação*. Portugal: Instituto de Inovação Educacional. Centro de Etnologia Ultramarina, 2000. Disponível em : <<http://www.rpmuseus.pt.org/Pt/cont/artigos.html>>. Acesso em: 12 maio 2005.
- KORCZAK, Janusz. *Quando eu voltar a ser criança*. São Paulo: Summus, 1981.
- LAUWE, Marie Jose Chombard de. *Un Monde autre: l'enfance*. Paris: Payot, 1971.
- LINNEA dans le jardin de Monet. Direção: Lena Anderson; Christian Bjork. Suède. Les Grignoux, [1994].1 videocassete (30min.), VHS, son., color.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Políticas culturais para os espaços*. Brasil, 2003. Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540s.pdf>>.Acesso em: 12 maio 2004.
- PERRON Roger. *Modèles d'enfants, enfants modèles*. Paris: PUF, 1971.
- PIACENTINI, Telma; Mônica Fantin. Museu do brinquedo como centro cultural infantil. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana (Org.). *Museu, educação e cultura: encontro de crianças e professores com a arte*. Campinas: Papirus, 2005.
- SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* São Paulo: Cortez, 1994.

STUDART, Denise (Org.). *Conceitos que transformaram o museu, suas ações e relações*. Mérida, México: CECA, 2003. Disponível em: <<http://museologia.mestrados.ulusoфона.pt/centroestudos.html>>. Acesso em: 14 maio 2005.

VALENÇA, Vera Lúcia Chacon. Florianópolis vai sediar o Museu da Criança . Entrevistador: Celso Martins. *A Notícia*, Florianópolis, 24 out. 2004.

\_\_\_\_\_. Crianças Catarinenses de descendências austríaca , italiana, ucraniana e polonesa: valores culturais/ estéticos predominantes. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICOLOGIA, 1., 2005, São Paulo. *Anais...* São Paulo, SP, 2005.

\_\_\_\_\_. *Apprentissage de la lecture et maturation du Moi*. 1980. 341f. Tese (Doutorado em Psicologia Aplicada) - Université Paris V, França, 1980.

Vera Lúcia Chacon Valença  
Rua Ferreira Lima, 247, ap. 1001  
(48) 322.25841  
Florianópolis / SC, Centro  
CEP: 88015-420  
E-mail: [veravalenca@globo.com](mailto:veravalenca@globo.com)

Recebido em: 18/08/2005  
Aprovado em: 14/10/2005

The creation of the Santa Catarina Children's Museum: an experience in progress

**Abstract:**

The purpose of this article is to present in general terms the history, evolution, plan and current phase of the Santa Catarina Children's Museum.

The museum project was inspired by the Children's Museum of Manhattan, the Brooklyn Children's Museum, the Cité des Enfants de Paris, the Museu da Criança de Lisboa and by the pedagogical activities realized with children at the Louvre, George Pompidou and D'Orsay museums in Paris.

Familiar with the cultural diversity of Santa Catarina children through a study conducted since 1999, involving children of various ethnicities, in various municipalities of the state, the researcher sought the inclusion of "different" children in activities of the cultural space to be created. The project uses the perspective of cultural hybridization suggested by Nestor Canclini.

Conceived to attend children from 3 – 14 years of age, the museum will have an interactive character and its mission is to emphasize the participation of children in the culture of their ancestors, opening doors to others and conjugating them with current cultural expressions.

It proposes the creation of the Children's Imagination Network, to be established among children of different municipalities, states and countries; to stimulate creativity and cultural

Creación del Museo de la Niñez de Santa Catarina: una experiencia en desarrollo

**Resumen:**

El presente artículo tiene por objetivo presentar, en líneas generales, el histórico, la evolución, el proyecto y la actual fase del Museo de los Niños de Santa Catarina. El proyecto de este museo fue inspirado en el *Children's Museum of Manhattan*, en el *Brooklyn Children's Museum*, en la *Cité des Enfants* de París, en el *Museo del Niño de Lisboa* y en las actividades pedagógicas desarrolladas con niños y niñas en los museos de *Louvre*, *George Pompidou e Orsée*, de París. Conocedora de la diversidad cultural de la niñez catarinenses, por medio de la investigación realizada con varias etnias en 1999, en algunos municipios de la provincia (estado), la investigadora procura la inclusión de los "diferentes" en actividades del espacio cultural a ser fundado, en la perspectiva de Néstor Canclini – la hibridación cultural. Con la idea de atender niños y niñas de de tres a 14 años, el museo tendrá un carácter interactivo y el objetivo central será el de enfatizar la participación de los niños en las culturas de sus antepasados, abriendo las puertas para los demás y conjugándolas con las expresiones culturales de la actualidad. Mediante los recursos tradicionales y las nuevas tecnologías se propone la creación de una Red del Imaginario Infantil con la participación de los niños y niñas de diferentes municipios, provincias y países, estimulando la creatividad y la

production and inclusionary aesthetics, through traditional resources and new technologies.

Partnerships are being studied with the Sapiens Park development project, the focus of which is Human Development and with the municipal government of Pomerode, where the installation of a prototype of the Santa Catarina Children's Museum is planned.

**Key words:**

Children's Museum.  
Imagination. Culture.

cultural e inclusive estética. También, se establecerán relaciones con el *Sapiens Parque* que tiene como foco el desarrollo del Ser Humano y con la municipalidad de Pomerode, donde se prevé la instalación del Museo de los Niños de Santa Catarina.

**Palabras-clave:**

Museo de la Infancia.  
Imaginario. Cultura.

Vera Lúcia Chacon Valença  
Rua Ferreira Lima 247, ap. 1001  
(48)322 25841  
Florianópolis/SC, Centro  
CEP: 88015-420  
E:mail: veravalenca@globo.com

Recebido em: 18/08/2005  
Aprovado em: 14/10/2005